

Exportações do Rio Grande do Sul em 2015: desempenho e condicionantes*

Tomás Amaral Torezani**

Doutorando em Economia no Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGE-UFRGS), Pesquisador em Economia da Fundação de Economia e Estatística (FEE)

Resumo

O presente artigo analisa o desempenho exportador do Rio Grande do Sul de 2015 comparado com o de 2014, com base nos dados do Sistema de Exportações FEE (SisExp). As exportações gaúchas alcançaram US\$ 17,518 bilhões, uma redução de US\$ 1,177 bilhão em relação ao ano anterior (-6,3%). Apesar do recuo em valor, o volume embarcado para o exterior cresceu 16,5%, alcançando o maior patamar de toda a série histórica (23,5 milhões de toneladas). Mesmo assim, o crescimento em volume não foi suficiente para compensar o efeito da retração em preços das exportações (-19,6%) sobre a receita dos embarques, proporcionado, sobretudo, pelo arrefecimento dos preços internacionais das *commodities*, pela depreciação do real frente ao dólar e pela desaceleração do comércio global.

Palavras-chave: exportações; Rio Grande do Sul; redução de preços

Abstract

This article analyses the export performance of the State of Rio Grande do Sul in 2015 compared with the previous year, based on data from Sistema de Exportações FEE (SisExp). Rio Grande do Sul's exports reached US\$17.518 billion, a reduction of US\$1.177 billion compared to 2014 (-6.3%). Despite the decline in value, the volume shipped abroad increased 16.5%, reaching the highest level of the historical series (23.5 million tons). Nevertheless, the growth in volume was not enough to offset the effect of the decline in export prices (-19.6%) on the revenues of shipments, provided mainly by the sudden drop of international commodity prices, the depreciation of the real/dollar and the slowdown in global trade.

Keywords: exports; Rio Grande do Sul; price reduction

1 Introdução

Em 2015, as exportações do Rio Grande do Sul acumularam US\$ 17,518 bilhões, o que significou uma redução de US\$ 1,177 bilhão em relação ao ano anterior (-6,3%). Esse resultado negativo foi fundamentalmente influenciado pela queda dos preços dos produtos exportados (-19,6%), enquanto o volume embarcado para o exterior elevou-se em 16,5%. A despeito da retração em valor, o Estado gaúcho aumentou sua participação nas exportações nacionais — saindo da quarta posição em 2014 (8,3%) para a terceira em 2015 (9,1%).

* Artigo recebido em 18 abr. 2016.
Revisor de Língua Portuguesa: Breno Camargo Serafini

** E-mail: torezani@fee.tche.br
O autor agradece aos comentários dos pareceristas, eximindo-os de quaisquer erros e omissões do presente texto.

O objetivo deste artigo consiste em analisar o desempenho das vendas externas gaúchas em 2015 e os seus condicionantes, utilizando dados de valor exportado e índices de volume e preço do Sistema de Exportações FEE (SisExp)¹. Para tanto, o trabalho está estruturado em quatro seções, além desta **Introdução**: na seção 2, discorre-se sobre os fatores macroeconômicos que afetaram as exportações, tais como a depreciação do real frente ao dólar, a queda generalizada dos preços internacionais das *commodities* e a debilidade da demanda mundial; na 3, faz-se uma comparação da *performance* exportadora do Rio Grande do Sul com os principais estados exportadores; na seção 4, focalizam-se as vendas externas do Estado gaúcho, desagregando-as por setores de atividade (agropecuária e indústria de transformação), com base na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0), e analisando os países de destino; na última seção, remete-se às considerações finais e a algumas perspectivas para as exportações gaúchas em 2016.

2 Fatos estilizados em 2015: depreciação do real, arrefecimento dos preços das *commodities* e desaceleração do comércio global

O ano de 2015 caracterizou-se por um período de dificuldades para a economia de uma forma geral, tanto no âmbito nacional quanto no regional, sobretudo para o setor manufatureiro. As consequências de decisões na condução da política econômica, nos últimos anos, e o aprofundamento do ajuste fiscal implementado pelo Governo Federal — ocasionando aumento de tarifas energéticas e de combustíveis, retirada de subsídios e incentivos fiscais, isto é, aumento nos custos de produção — contribuíram para a economia brasileira mergulhar em recessão econômica, recessão esta agravada pela instabilidade política em Brasília, sendo afetados os investimentos e a produção de diversos setores. Com a demanda interna se desaquecendo, a exportação mostrou-se como uma alternativa viável em meio à recessão brasileira. Nesse particular, as exportações brasileiras de bens e serviços em 2015 foram o único componente do Produto Interno Bruto (PIB), sob a ótica da demanda, que registrou crescimento em relação a 2014, de 6,1% (IBGE, 2015).

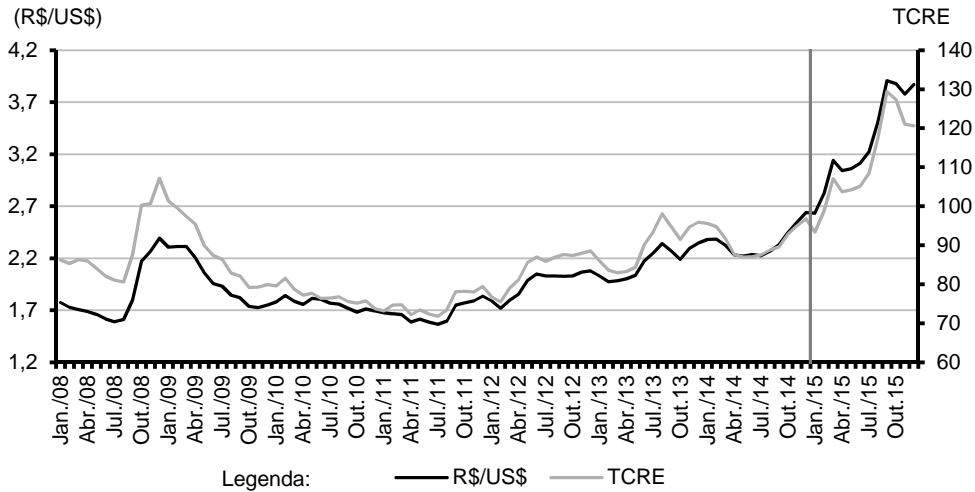
Um fator que pode ser apontado como importante para o entendimento do desempenho das exportações brasileiras em 2015 consiste na forte depreciação do real frente ao dólar (da ordem de 42%, saindo de uma média nominal de 2,35 em 2014 para 3,33 em 2015, atingindo 3,87 em dezembro), a qual se iniciou em 2011, mas que ganhou maior intensidade em 2015, conforme pode ser observado no Gráfico 1. A partir dos efeitos da defasagem do câmbio sobre as exportações, o câmbio depreciado começou a surtir efeitos em determinados setores, apenas no final do ano, não sendo capaz de trazer crescimento das receitas em dólar — apesar de ter contribuído para a elevação da quantidade vendida para o exterior em diversos segmentos produtivos. Por outro lado, a magnitude da depreciação da taxa de câmbio foi tamanha que se sobrepôs à elevação dos custos de produção e à redução dos preços dos produtos exportados, levando à maior rentabilidade em moeda nacional dos últimos anos². Assim, o real desvalorizado ofereceu uma margem de competitividade via preço aos produtos exportados, sobretudo os manufaturados, embora o processo de forte desvalorização nominal da moeda brasileira tenha encontrado limitação na estrutura da pauta exportadora brasileira, a qual é pouco diversificada, especializada em recursos naturais e bens de baixo conteúdo tecnológico. Em sentido inverso, os setores dependentes da importação de insumos para a exportação de seus produtos foram ainda mais prejudicados.

¹ O SisExp utiliza os dados brutos do Sistema Aliceweb, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), para calcular índices de valor, volume e preços, podendo ser acessado através do endereço <www.exportacoes.fee.tche.br>. No referido endereço, está disponível a metodologia empregada para o cálculo dos índices utilizados no presente artigo.

² Segundo dados da Funcex (2016), a rentabilidade, em reais, das exportações brasileiras em 2015 foi a maior registrada nos últimos 11 anos.

Gráfico 1

Evolução da taxa de câmbio nominal e da taxa de câmbio real efetiva (TCRE) no Brasil — 2008-15

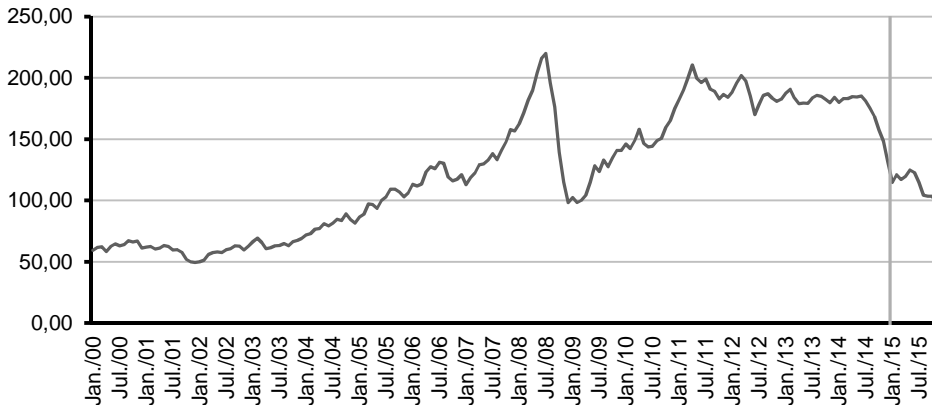


FONTE DOS DADOS BRUTOS: Banco Central do Brasil (2016).
 NOTA: 1. Taxa de câmbio efetiva real deflacionada pelo IPCA.
 2. Relação real/dólar dada pela média de compra e venda.
 3. Dados da taxa de câmbio real efetiva com base em jun./94 = 100

Outro fator que contribuiu, de maneira decisiva, para a *performance* exportadora do País e de suas unidades da Federação foi o profundo e generalizado arrefecimento dos preços internacionais das *commodities*. Grande parte da retração do valor exportado pelo Brasil deu-se em virtude desse arrefecimento, o qual se iniciou na segunda metade de 2014 e manteve, de forma intensa, a tendência baixista ao longo de todo o ano de 2015. O Gráfico 2 ilustra essa dinâmica.

Gráfico 2

Evolução mensal do índice de preços de *commodities* — 2000-15



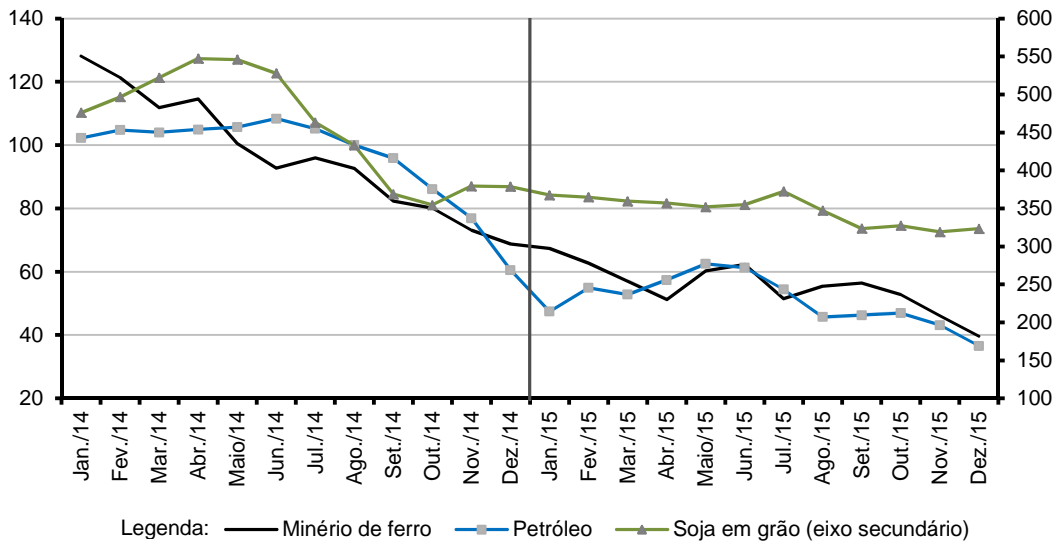
FONTE DOS DADOS BRUTOS: International Monetary Fund (2015).
 NOTA: 1. Consideram-se todas as *commodities*.
 2. Os dados têm como base o ano de 2005 = 100.

Tanto a pauta exportadora brasileira (o valor exportado de *commodities* representou 58,2% da pauta brasileira em 2014 e 54,9% em 2015³) quanto a de praticamente todas as suas unidades da Federação são bastante concentradas nesses tipos de produtos, o que ajuda a explicar, fortemente, a retração em valor das suas receitas auferidas em dólar. A queda dos preços das *commodities* em 2015 no comparativo com 2014 foi da ordem de 35,3%; já os preços das principais *commodities* exportadas pelo Brasil também sofreram reduções significativas: -24,1% no caso da soja em grão; -43,0% do minério de ferro; e -47,2% do petróleo, como pode ser visualizado no Gráfico 3.

³ Valores de acordo com a classificação de *commodities* (todos os tipos) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Gráfico 3

Evolução dos preços internacionais, em dólares, de minério de ferro, petróleo e soja em grão — 2014-15

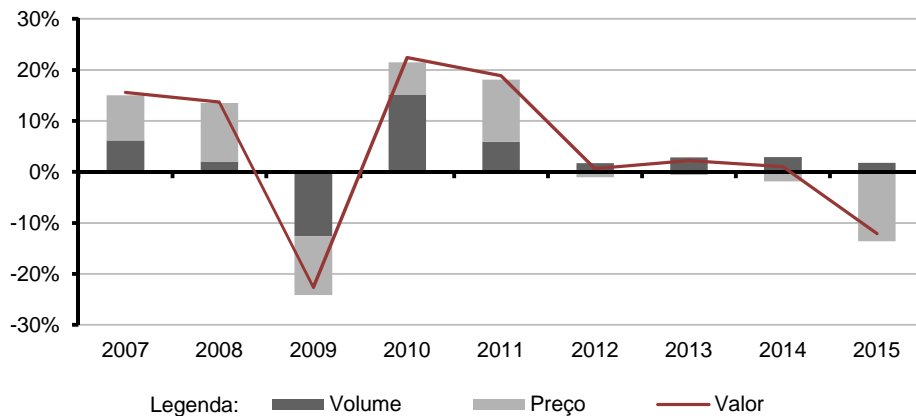


Legenda: — Minério de ferro — Petróleo — Soja em grão (eixo secundário)
 FONTE DOS DADOS BRUTOS: International Monetary Fund (2015).
 NOTA: Preços do minério de ferro e da soja em grão, em toneladas métricas; preço do petróleo (média do Dated Brent, West Texas Intermediate e Dubai Fateh), por barril.

Essa redução nos preços das *commodities* — e dos preços em geral dos produtos comercializáveis — se dá na esteira do menor crescimento mundial dos últimos anos, que pode ser entendido como outro fator explicativo da conjuntura de 2015. A média de crescimento do comércio mundial, que era maior que a do produto global, sobretudo no período pré-crise financeira internacional de 2008-09, hoje cresce a taxas semelhantes e em nível menor, ou seja, existe uma relação mais estável entre comércio e renda mundiais. Nesse contexto, ressalta-se que a atual dinâmica das exportações brasileiras e gaúchas (algum crescimento em volume e forte retração em preços) segue a recente evolução do comércio global (Gráfico 4), e este, por conseguinte, o baixo dinamismo e a forte incerteza da economia mundial. Em consonância com a desaceleração da atividade econômica mundial, os investimentos e as importações (Gráfico 5) também se reduzem, afetando a capacidade de produção e, conseqüentemente, de exportação. A debilidade da demanda mundial para as receitas de nossas exportações caracteriza-se, no âmbito externo, dentre outros fatores, pelo fim do ciclo de auge dos preços das *commodities*, pela desaceleração da economia chinesa, pela fraca recuperação da Zona do Euro e pelo baixo dinamismo da atividade econômica dos países sul-americanos (CEPAL, 2015; IMF, 2016).

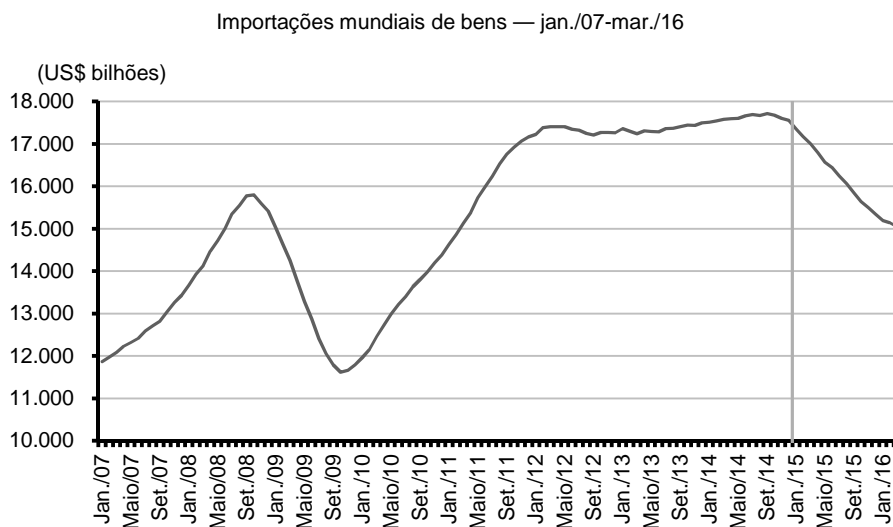
Gráfico 4

Varição percentual das exportações mundiais de bens — 2007-15



FONTE DOS DADOS BRUTOS: CPB (2016).
 NOTA: Ano contra ano anterior; a variação de valor foi obtida implicitamente.

Gráfico 5



FONTES DOS DADOS BRUTOS: World Trade Organization (2016).
 NOTA: Valor acumulado em 12 meses.

Dessa forma, o recuo em valor das exportações brasileiras e gaúchas em 2015 encontra condicionantes tanto internos (instabilidade política, dificuldades macroeconômicas, demanda interna desaquecida e câmbio depreciado, etc.) quanto externos (fim do ciclo altista dos preços das *commodities* e desaceleração do comércio global, com lento crescimento das economias avançadas e turbulências nos países emergentes, contrabalanceadas, em parte, pela sustentada demanda chinesa por alimentos) que ajudam a compreender a dinâmica das nossas exportações e a situar a nossa posição na arena internacional.

3 Comparativo das exportações gaúchas com outros estados brasileiros

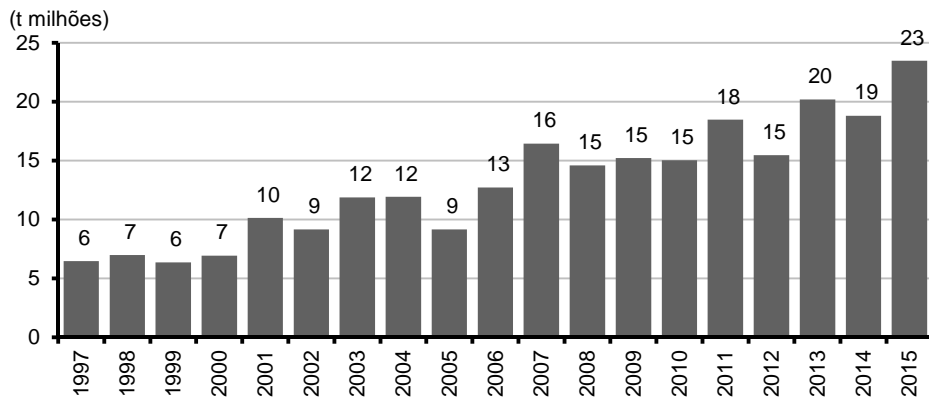
As exportações do Rio Grande do Sul em 2015 recuaram 19,6% em preço e cresceram 16,5% em volume, resultando em uma retração de 6,3% em valor no comparativo com 2014. Enquanto o ponto negativo dos índices das exportações ter sido a retração dos preços dos produtos exportados pelo Rio Grande do Sul, o ponto positivo foi o crescimento na quantidade embarcada para o exterior, a qual foi a maior de toda a série histórica (23,5 milhões de toneladas) — Gráfico 6⁴. Contudo a redução em preço mitigou o ganho obtido com a alta das quantidades exportadas. Para se compreender a magnitude dessa redução: se a quantidade embarcada em 2015 fosse vendida pelo preço médio de 2014, ter-se-iam receitas extras de cerca de US\$ 3,6 bilhões, isto é, algo em torno de 20% do total exportado pelo Estado em 2015 (FEE, 2016).

Por outro lado, faz-se necessário problematizar o crescimento na quantidade embarcada para o exterior como ponto positivo das exportações gaúchas, na medida em que tal crescimento se dá em produtos básicos (pela classificação de fator agregado, em detrimento dos produtos manufaturados), em produtos da agropecuária (pela classificação de atividade econômica, em detrimento dos produtos da indústria de transformação) ou em produtos não industriais (na classificação de intensidade tecnológica, em detrimento dos produtos com conteúdo tecnológico), o que pode revelar um processo de acentuação da reprimarização da pauta exportadora, fazendo o Estado sentir ainda mais o arrefecimento dos preços das *commodities* e a desaceleração do comércio mundial — como exposto na seção 2 —, por conta da menor elasticidade-renda da demanda desses produtos e de os mesmos serem mais propensos à deterioração dos termos de troca.

⁴ Como se verá na seção 4, o crescimento da quantidade exportada deu-se tanto na agropecuária quanto na indústria de transformação, sendo o crescimento do primeiro setor muito superior ao do segundo.

Gráfico 6

Evolução do volume total exportado pelo RS — 1997-2015



FONTE DOS DADOS BRUTOS: Secex-MDIC (BRASIL, 2016).

Analisando as exportações brasileiras sob um recorte regional, todos os principais estados exportadores registraram crescimento em volume, mas recuos em preços, resultando em retração em valor (Tabela 1). Excetuando-se São Paulo, os sete principais estados exportadores (54,7% das exportações brasileiras em 2015), podem ser divididos em dois grupos, com base na magnitude de seus recuos em valor, isto é, um com as maiores retrações e outro com os menores recuos. Conforme pode ser observado na Tabela 2, emerge o contraste da estrutura de suas pautas exportadoras: enquanto os estados do primeiro grupo, composto por Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pará e Espírito Santo, exibem forte presença de produtos relativos à indústria extrativa (mais especificamente minério de ferro e/ou petróleo), os do segundo grupo (Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso) apresentam grande peso de produtos da agropecuária, notadamente soja em grão.

Tabela 1

Exportações do Brasil e dos seus 10 principais estados exportadores — 2014 e 2015

BRASIL E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	2014		2015		VARIAÇÃO			
	Valor (US\$ bilhões)	Participação (%)	Valor (US\$ bilhões)	Participação (%)	Valor		Volume (%)	Preço (%)
					US\$ bilhões	%		
BRASIL	225,094	100,0	191,127	100,0	-33,967	-15,1	9,4	-22,4
São Paulo	51,458	22,9	45,576	23,8	-5,882	-11,4	4,3	-15,1
Minas Gerais	29,321	13,0	22,009	11,5	-7,311	-24,9	4,7	-28,3
Rio Grande do Sul	18,696	8,3	17,518	9,2	-1,177	-6,3	16,5	-19,6
Rio de Janeiro	22,619	10,1	17,027	8,9	-5,593	-24,7	26,1	-40,3
Paraná	16,332	7,3	14,909	7,8	-1,423	-8,7	9,8	-16,9
Mato Grosso	14,797	6,6	13,071	6,8	-1,726	-11,7	5,7	-16,4
Pará	14,259	6,3	10,272	5,4	-3,987	-28,0	8,5	-33,6
Espírito Santo	12,690	5,6	9,830	5,1	-2,859	-22,5	5,8	-26,8
Bahia	9,310	4,1	7,883	4,1	-1,427	-15,3	11,0	-23,7
Santa Catarina	8,987	4,0	7,644	4,0	-1,343	-14,9	1,2	-16,0
Demais	26,625	11,8	25,388	13,3	-1,238	0,0	-	-

FONTE: Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais/FEE (FEE, 2016a). Secex-MDIC (BRASIL, 2016).

NOTA: Ordenamento pelo valor exportado em 2015; os estados destacados referem-se ao primeiro grupo, com as maiores retrações em valor (excluindo São Paulo).

Apesar da retração em valor, o Estado gaúcho aumentou sua participação nas exportações nacionais, saindo da quarta posição em 2014 (8,3%) para a terceira em 2015 (9,1%). Esse ganho de participação se deu por conta de outros estados terem sentido retrações ainda mais fortes de preços e, conseqüentemente, terem registrado retrações maiores em valor. Isso se deve ao fato de os preços internacionais de *commodities*, como o minério de ferro e o petróleo, terem recuado em uma intensidade bem superior ao preço da soja. Assim, estados exportadores de minério de ferro e/ou petróleo (como Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pará e Espírito Santo) perderam participação nas exportações nacionais, enquanto ocorreu o contrário nos estados exportadores de soja (como Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso). Em outras palavras, a magnitude da retração do valor exportado advém de impactos em intensidades distintas do efeito-preço nas economias regionais (Torezani; Borges, 2016). De

qualquer forma, a queda generalizada nos preços de *commodities* afetou, de maneira decisiva, a receita auferida em dólar das exportações de praticamente todos os estados brasileiros.

Tabela 2

Varição das vendas das principais *commodities* dos principais estados exportadores do Brasil — 2014-15

UNIDADES DA FEDERAÇÃO E BRASIL	TOTAL	%	MINÉRIO DE FERRO	PETRÓLEO	SOJA	(US\$ milhões)
						COMMODITIES
Brasil	-33.967	-15,1	-11.743,0	-4.575,4	-2.293,8	-25.992,1
São Paulo	-5.882	-11,4	0,0	276,0	-27,3	-2.411,5
Minas Gerais	-7.312	-24,9	-5.759,6	0,0	40,5	-6.190,6
Rio Grande do Sul	-1.177	-6,3	0,0	-	108,5	-1.007,4
Rio de Janeiro	-5.593	-24,7	1,3	-3.979,2	-2,7	-4.778,6
Paraná	-1.423	-8,7	-	-	-333,3	-869,7
Mato Grosso	-1.726	-11,7	-	-	-1.578,2	-1.631,3
Pará	-3.987	-28	-3.496,4	-	-8,4	-3.563,7
Espírito Santo	-2.859	-22,5	-1.993,4	-872,2	0,4	-2.475,9

FONTE: Torezani e Borges (2016).

NOTA: Ordenamento pelo valor exportado em 2015; os estados destacados referem-se ao primeiro grupo, com as maiores retrações em valor (excluindo São Paulo).

Mesmo com o crescimento em volume das *commodities* na pauta de todos os estados analisados, suas participações no valor exportado reduziram-se, significativamente, de 2014 para 2015: o minério perdeu 14 p.p. no Pará; 12 p.p. em Minas Gerais; e 8 p.p. no Espírito Santo, enquanto o petróleo diminuiu em 5 p.p. no Rio de Janeiro; e 4 p.p. no Espírito Santo. Já em relação à soja, houve recuo apenas no Mato Grosso (-6 p.p.), enquanto se registrou aumento na pauta do Rio Grande do Sul (2 p.p.) e estabilidade no Paraná. A despeito das perdas de participação nas exportações desses estados, em função da redução de seus preços, as *commodities* continuaram representando mais da metade das pautas estaduais em 2015: 50% no Pará; 54% no Rio Grande do Sul; 60% no Paraná; 65% em Minas Gerais; 66% no Rio de Janeiro; e 96% no Mato Grosso.

4 Desempenho das exportações gaúchas

Na base de comparação mensal (mês de 2015 contra o mesmo mês de 2014), em apenas três houve crescimento das receitas em dólar do Rio Grande do Sul; por seu turno, o crescimento em volume foi observado em 11 meses (Tabela 3). Em relação à indústria de transformação, também houve crescimento das receitas em dólar nos mesmos três meses em que houve aumento das exportações totais, embora o seu volume tenha crescido em nove meses. Já a agropecuária — na esteira das exportações recordes de soja — registrou sete meses de crescimento em valor e 10 meses em volume, indicando a vitalidade exportadora do setor (o mesmo representou 27,0% das exportações gaúchas em 2015, 2,3 p.p. a mais do que em 2014, ao passo que a indústria de transformação contribuiu com 71,8% da pauta).

Tabela 3

Variações mensais percentuais de valor e volume das exportações gaúchas totais, da agropecuária e da indústria de transformação — 2015/2014

MESES	TOTAL		AGROPECUÁRIA		INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	
	Valor	Volume	Valor	Volume	Valor	Volume
Janeiro	-10,5	5,7	256,8	607,0	-18,6	-11,2
Fevereiro	-14,6	-3,5	-8,1	8,4	-15,1	-6,5
Março	8,1	23,3	7,4	23,4	8,8	22,6
Abril	-1,1	24,0	5,7	38,7	-5,2	14,4
Maió	-19,9	0,1	-33,8	-9,5	-9,4	7,6
Junho	-14,5	8,4	-18,3	13,4	-13,0	4,0
Julho	-9,8	14,5	0,9	42,6	-15,0	0,9
Agosto	-9,2	17,4	3,1	43,7	-14,7	5,6
Setembro	1,5	27,3	-9,8	18,1	5,6	28,9
Outubro	-0,2	27,9	306,8	434,0	-19,6	-0,2
Novembro	24,9	64,9	267,3	469,3	9,4	40,6
Dezembro	-17,3	7,7	-16,6	73,7	-17,1	1,4
Acumulado ...	-6,3	16,5	2,2	46,4	-9,0	8,2

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais/FEE (FEE, 2016a).

O principal produto gaúcho exportado em 2015 foi a soja em grão (US\$ 4,095 bilhões), seguida por fumo em folhas (US\$ 1,535 bilhão), carne de frango (US\$ 1,134 bilhão), polímeros de etileno, propileno e estireno (US\$ 1,060 bilhão) e farelo de soja (US\$ 980 milhões). Alguns produtos registraram recordes de exportação no ano de 2015: dos 328 produtos vendidos ao exterior no ano, 38 apresentaram recordes em valor, e 54, em volume. Os produtos com máxima histórica em exportações, em termos de valor, que se destacaram foram celulose (US\$ 305,7 milhões; China como principal mercado), leite e creme de leite (US\$ 87,8 milhões; Venezuela como principal mercado), máquinas e aparelhos de elevação de carga (US\$ 58,2 milhões; Paraguai, Uruguai e Argentina como principais destinos), concentrado de proteína (US\$ 31,5 milhões; Argentina, México e Bélgica como mercados mais importantes) e artigos de plástico (US\$ 25,9 milhões; Uruguai como principal destino). Em termos de volume embarcado ao exterior, destacam-se os recordes registrados nas vendas de soja em grão (10,6 milhões de toneladas, sobretudo para a China), de polímeros de etileno, propileno e estireno (794,4 mil toneladas, especialmente para Argentina, Bélgica e China), celulose (663,7 mil toneladas), éteres alcóolicos (176,8 mil toneladas, principalmente para a Holanda) e painéis de madeira (37,7 mil toneladas, sobretudo para Colômbia, Argentina e Bolívia).

Confrontando o desempenho de 2015 com o de 2014, a partir da Tabela 4, da redução de US\$ 1,177 bilhão do total exportado pelo Rio Grande do Sul, US\$ 1,242 bilhão foi proveniente da indústria de transformação (-9,0% em valor; 8,2% em volume; e -15,9% em preço), enquanto, na agropecuária, houve crescimento de US\$ 102,3 milhões (2,2% em valor; 46,4% em volume; e -30,2% em preços). Registra-se o bom desempenho tanto da indústria de transformação quanto, sobretudo, da agropecuária em termos de volume. Contudo, pela forte retração em preços verificada em ambos os setores, as divisas provenientes das vendas externas da indústria de transformação retraíram em 9,0%, enquanto as da agropecuária cresceram apenas 2,2%.

Tabela 4

Exportações, por setores de atividade, do Rio Grande do Sul — 2014 e 2015

SETORES DE ATIVIDADE	2014		2015		VARIAÇÃO			
	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)	Valor		Volume (%)	Preço (%)
					US\$ milhões	%		
TOTAL	18.696	100,0	17.518	100,0	-1.177	-6,3	13,1	-17,1
Agropecuária	4.635	24,8	4.737	27,0	102	2,2	46,4	-30,2
Indústria de transformação	13.811	73,9	12.569	71,8	-1.242	-9,0	8,2	-15,9
Demais	250	1,3	213	1,2	-37	-14,9	-	-

FONTE: Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais/FEE (FEE, 2016a).
Secex-MDIC (BRASIL, 2016).

A seguir, faz-se uma análise das exportações gaúchas, discriminando-as por tais setores de atividade.

4.1 Agropecuária

Como principal produto vendido pelo Rio Grande do Sul em 2015, a soja em grão respondeu por 23,4% das exportações totais do Estado (considerando o Complexo soja como um todo, o valor chega a 30,2%) e por 86,5% das vendas externas da agropecuária. Além de ter sido o principal produto exportado pelo Estado, a soja em grão registrou recordes de embarques em 2015 (10,6 milhões de toneladas exportadas), na esteira da supersafra do ano (15,7 milhões de toneladas produzidas) e do forte aumento da demanda chinesa pela oleaginosa (crescimento de 2,5 milhões de toneladas em relação a 2014). Tais fatores mais do que compensaram o recuo de seu preço no mercado internacional (a tonelada métrica saiu de US\$ 458 em 2014 para US\$ 347 em 2015, uma redução de 24% na cotação na Bolsa de Chicago). Assim sendo, a quantidade exportada (e produzida) atingiu o recorde histórico, mas, em função da forte retração de preço, não foi registrado recorde em valor. Adicionalmente, a razão exportação/produção atingiu o maior valor no ano de 2015, indicando o incremento da orientação exportadora da oleaginosa gaúcha ao passar do tempo (Gráfico 7).

Tabela 5

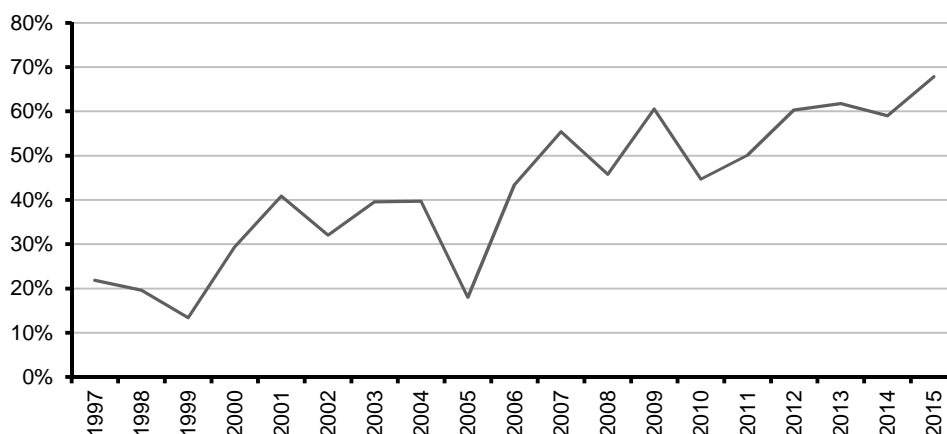
Principais produtos da agropecuária exportados pelo RS — 2014 e 2015

PRINCIPAIS PRODUTOS	2014		2015		VARIAÇÃO			
	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)	Valor (US\$ milhões)	Participação (%)	Valor		Volume (%)	Preço (%)
					US\$ milhões	%		
Soja	3.986,6	86,0	4.095,1	86,5	108,5	2,7	23,6	-16,9
Trigo	97,6	2,1	309,9	6,5	212,3	217,5	454,9	-42,8
Mate	88,9	1,9	80,1	1,7	-8,8	-9,9	5,3	-14,6
Milho	238,8	5,2	66,8	1,4	-172,0	-72,3	-55,9	-37,2
Arroz	96,2	2,1	49,6	1,1	-46,5	-48,4	-16,7	-38,0
Maçã	24,1	0,5	35,4	0,8	11,3	46,6	67,8	-12,6
Demais	102,3	2,2	99,8	2,1	-2,5	0,0	-	-
AGROPECUÁRIA	4.634,5	100,0	4.736,8	100,0	102,3	2,2	46,4	-30,2

FONTE: Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais/FEE (FEE, 2016a).
Secex-MDIC (BRASIL, 2016).

Gráfico 7

Razão exportação/produção de soja em grão, em toneladas, do Rio Grande do Sul — 1997-2015



FONTE: Secex/MDIC (BRASIL, 2016).
Produção Agrícola Municipal (IBGE, 2014).
Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (IBGE, 2015a).

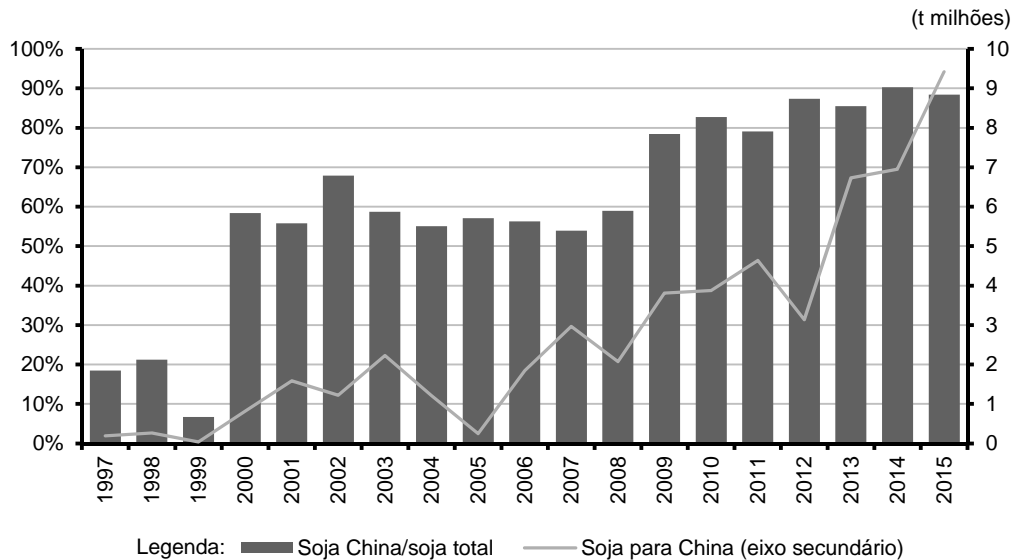
Quando se comenta sobre exportações gaúchas de soja, tem-se que fazer referência à China, país que compra grande parte da produção do Estado. O Gráfico 8 ilustra a relevância do gigante chinês para as exportações de soja em grão do Rio Grande do Sul. Em 2015, houve um ligeiro decréscimo da razão das compras chinesas de tudo o que o Estado vendeu de soja para o mundo; contudo a participação continua bastante elevada, perto da casa dos 90%. Quando se analisa o volume embarcado para o país, observa-se que, excetuando-se os períodos em que ocorreram quebra de safra, ele cresce continuamente, ao passar dos anos, mesmo em 2015, quando a China começou a dar alguns sinais do rebalanceamento de sua economia, a partir dos desdobramentos da mudança do seu modelo de crescimento (de manufatura/investimento para serviços/consumo), o que não chegou a afetar sua demanda por alimentos.

No que tange aos principais destaques positivos da agropecuária, apresentam-se os crescimentos de US\$ 212,3 milhões das exportações de trigo (217,5% em valor; 454,9% em volume; e -42,8% em preços) e de US\$ 108,5 milhões de soja (2,7% em valor; 23,6% em volume; e -16,9% em preços). O destaque negativo ficou pela retração de US\$ 172,0 milhões nas vendas de milho (-72,3% em valor; -55,9% em volume; e -37,2% em preços). O crescimento das vendas de trigo deu-se pela quebra de safra ocorrida, em 2014, pelo excesso de chuva; já o recuo das exportações de milho ocorreu pelo ano de comparação, 2014, ter sido atípico, com recorde de toneladas exportadas na história, e pelo retorno do direcionamento das vendas para dentro do Brasil (a produção aumentou em relação a 2014) ⁵.

⁵ Segundo dados da pesquisa **Produção Agrícola Municipal** e do **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola** e de exportação do MDIC, a parcela da produção de milho voltada ao exterior, que, na média do período 2003-12, foi de 4% — com pico, em 2007 e 2008, de 7% —, foi de 15% em 2013 e de 20% em 2014, voltando ao patamar anterior de 6% em 2015.

Gráfico 8

Volume exportado de soja, em toneladas, para a China e participação percentual da soja exportada no total produzido pelo RS — 1997-2015



Legenda: ■ Soja China/soja total — Soja para China (eixo secundário)

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Secex/MDIC (BRASIL, 2016).

4.2 Indústria de transformação

Em relação à indústria de transformação, dos seus 23 segmentos, apenas seis registraram crescimento no valor exportado, 15 apresentaram crescimento em volume, e 21 exibiram retrações nos preços de seus produtos. Desses segmentos, destacam-se os crescimentos de US\$ 388,7 milhões no de outros equipamentos de transporte; de US\$ 181,4 milhões no de celulose e papel (106,1% em valor; 107,7% em volume; e -0,7% em preços); e de US\$ 23,5 milhões no de veículos, reboques e carrocerias (2,5% em valor; 15,8% em volume; e -11,4% em preços). A exportação do casco da plataforma P-67 para a China, o aumento da capacidade de produção da Celulose Riograndense (CPMC) após a expansão de sua planta e as vendas de automóveis para a Argentina explicam esses desempenhos favoráveis.

Tabela 6

Exportações dos 10 principais segmentos da indústria de transformação do RS — 2014 e 2015

PRINCIPAIS SEGMENTOS E TOTAL	2014		2015		VARIACÃO			
	Valor	Participação	Valor	Participação	Valor		Volume	Preço
	(US\$ milhões)	%	(US\$ milhões)	%	US\$ milhões	%	(%)	(%)
Total da indústria de transformação	13.811	100,0	12.569	100,0	-1.242	-9,0	8,2	-15,9
Produtos alimentícios	4.169	30,2	3.772	30,0	-397	-9,5	8,1	-16,3
Produtos químicos	2.064	15,0	1.835	14,6	-230	-11,1	20,7	-26,3
Produtos do fumo	1.889	13,7	1.600	12,7	-290	-15,3	2,5	-17,4
Couros e calçados	1.124	8,1	977	7,8	-147	-13,1	1,0	-13,9
Veículos, reboques e carrocerias	932	6,8	955	7,6	24	2,5	15,8	-11,4
Máquinas e equipamentos	1.114	8,1	894	7,1	-220	-19,7	-14,5	-6,1
Outros equipamentos de transporte ...	13	0,1	401	3,2	389	3.040,0	4.792,7	-35,8
Produtos de metal	392	2,8	371	3,0	-22	-5,5	1,7	-7,1
Celulose e papel	171	1,2	352	2,8	181	106,1	107,7	-0,7
Produtos de borracha e plástico	358	2,6	326	2,6	-32	-8,9	1,3	-10,1
Demais	1.584	11,5	1.085	8,6	-499	-0,3	-	-

FONTE: Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais/FEE (FEE, 2016a).
Secex-MDIC (BRASIL, 2016).

No que se refere ao primeiro dos segmentos destacados, foi contabilizada a venda, em setembro de 2015, de um casco da P-67 para a China, por US\$ 394,2 milhões. Na comparação com 2014, como tal produto ainda se mostra atípico na pauta exportadora gaúcha e por se tratar de um valor elevado, o setor outros equipamentos de

transporte — ao qual pertencem as plataformas de petróleo e gás — ganha relevância. As outras vendas de produtos semelhantes foram registradas em novembro de 2013 (casco da P-66, por US\$ 1,209 bilhão); a P-55, em outubro de 2013 (US\$ 1,937 bilhão); a P-63, em junho de 2013 (US\$ 1,627 bilhão); e a P-53, em setembro de 2008 (US\$ 861,7 milhões). Ademais, registra-se que a maioria dessas exportações se traduziu em “venda ficta”, pelo fato de as plataformas nunca chegarem a deixar o País. Entretanto, o casco da P-67 foi, de fato, vendido para a China, para que lá fosse finalizada a integração de seus módulos, em função dos desdobramentos da Operação Lava-Jato no Estado e de suas repercussões nas empresas envolvidas (SINAVAL, 2015).

O setor de celulose e papel registrou tal desempenho pela expansão de sua fábrica localizada em Guaíba, ocorrida no início de maio de 2015. Espera-se que tal ampliação eleve a produção de 450 mil toneladas para 1,8 milhão de toneladas por ano, quadruplicando sua capacidade produtiva (CMPC Celulose Riograndense, 2015; Jornal do Comércio, 2015). Ademais, praticamente tudo o que é produzido em Guaíba é enviado ao exterior; então as receitas e os embarques devem aumentar, consistentemente, nos próximos anos, impactando, positivamente, os dados de exportação do Rio Grande do Sul. Esses números já começam a ser observados em 2015: enquanto, em 2014, foram exportadas 312,1 mil toneladas pelo segmento (com uma média de 348,4 mil toneladas no período de 2007-14), em 2015 o volume embarcado alcançou 695,9 mil toneladas.⁶

Já o crescimento do segmento de veículos, reboques e carrocerias é resultado do crescimento do grupo de automóveis, camionetas e utilitários (mais US\$ 68,2 milhões; mais 39,6% em valor; mais 51,4% em volume; e menos 7,8% em preço). Do incremento das vendas externas desse grupo, US\$ 80,0 milhões foram registrados para a Argentina. Outro grupo que apresentou crescimento em suas vendas (de US\$ 38,5 milhões) foi o de caminhões e ônibus (mais 39,0% em valor; mais 46,4% em volume; e menos 5,0% em preços), dos quais mais US\$ 30,1 milhões foram provenientes da Argentina.

Por seu turno, os maiores recuos no valor exportado foram sentidos nos segmentos de produtos alimentícios (US\$ -396,8 milhões; -9,5% em valor; 8,1% em volume; e -16,3% em preços), derivados de petróleo (US\$ -390,3 milhões; -82,4% em valor; -75,4% em volume; e -28,4% em preços), produtos do fumo (US\$ -289,5 milhões; -15,3% em valor; 2,5% em volume; e -17,4% em preços), produtos químicos (US\$ -229,8 milhões; -11,1% em valor; 20,7% em volume; e -26,3% em preços) e máquinas e equipamentos (US\$ -219,9 milhões; -19,7% em valor; -14,5% em volume; e -6,1% em preços).

4.3 Países de destino

No que se refere aos países de destino, China (US\$ 4,861 bilhões, representando 27,8% da pauta exportadora), Argentina (US\$ 1,271 bilhão, com 7,3% da pauta) e Estados Unidos (US\$ 1,190 bilhão, com 6,8% de tudo o que foi vendido pelo RS) foram os que mais compraram os produtos gaúchos em 2015. O principal produto vendido para a China foi a soja em grão (74,6% de tudo o que foi comercializado), enquanto, para a Argentina, foram polímeros de etileno, propileno e estireno (19,6%) e automóveis de passageiros (16,3%), e, para os Estados Unidos, fumo em folhas e desperdícios (14,8%) e hidrocarbonetos e seus derivados halogenados (7,9%). Completando os 10 principais mercados de destino (Tabela 7) aparecem Coreia do Sul (farelo de soja), Vietnã (soja em grão), Venezuela (carne de frango), Bélgica (fumo em folhas), Holanda⁷ (farelo de soja, éteres alcóolicos e fumo em folhas), Uruguai (mate) e Paraguai (fumo em folhas). Com exceção da Venezuela, do Uruguai e do Paraguai, para todos os outros principais mercados de destino houve incremento no volume embarcado em 2015, com destaques para Vietnã, Coreia do Sul, China e Bélgica.

No comparativo com 2014, os países (e os produtos) que apresentaram os maiores aumentos (em US\$) no valor exportado foram China (US\$ 406,4 milhões; casco da plataforma P-67), Vietnã (US\$ 124,9 milhões; soja), Arábia Saudita (US\$ 84,4 milhões; farelo de soja e carne de frango), Eslovênia (US\$ 71,0 milhões; farelo de soja) e Bangladesh (US\$ 66,7 milhões; trigo). Por outro lado, os maiores recuos nas vendas externas foram registrados para Paraguai (US\$ -478,8 milhões; óleo diesel), Estados Unidos (US\$ -175,3 milhões; hidrocarbonetos e seus derivados), Alemanha (US\$ -148,1 milhões; farelo de soja), Angola (US\$ -120,9 milhões; embutidos de carne e carne de frango) e Holanda (US\$ -104,0 milhões; farelo de soja).

⁶ No momento em que este trabalho está sendo escrito, as exportações gaúchas de celulose, no 1.º trimestre de 2016, já atingiram 387,2 mil toneladas, isto é, vendas maiores do que as de todo o ano de 2014 (FEE, 2016a).

⁷ A relevância da Bélgica e da Holanda no destino das exportações gaúchas refere-se, na verdade, a toda a União Europeia, na medida em que os portos de Rotterdam (Holanda) e da Antuérpia (Bélgica) são os maiores da Europa, servindo de porta de entrada para os produtos importados pelo Bloco, e não necessariamente ficando tais produtos nesses países.

Tabela 7

Dez principais países de destino das exportações do RS — 2014 e 2015

PAÍSES E TOTAL	2014		2015		VARIACÃO			
	Valor	Participação	Valor	Participação	Valor		Volume	Preço
	(US\$ milhões)	(%)	(US\$ milhões)	(%)	US\$ milhões	%	(%)	(%)
TODOS	18.695,6	100,0	17.518,1	100,0	-1.177,4	-6,3	16,5	-19,6
China	4.455,0	23,8	4.861,3	27,8	406,4	9,1	40,1	-22,1
Argentina	1.345,3	7,2	1.271,0	7,3	-74,4	-5,5	8,9	-13,2
Estados Unidos	1.365,2	7,3	1.189,8	6,8	-175,3	-12,8	3,4	-15,7
Coreia do Sul	397,9	2,1	449,1	2,6	51,2	12,9	46,9	-23,2
Vietnã	319,8	1,7	444,7	2,5	124,9	39,1	73,6	-19,9
Venezuela	451,3	2,4	439,2	2,5	-12,1	-2,7	-2,1	-0,7
Bélgica	427,8	2,3	430,2	2,5	2,4	0,6	31,1	-23,3
Holanda	530,5	2,8	426,5	2,4	-104,0	-19,6	1,0	-20,4
Uruguai	496,9	2,7	421,2	2,4	-75,7	-15,2	-3,2	-12,4
Paraguai	855,3	4,6	376,5	2,2	-478,8	-56,0	-49,6	-12,6
Demais	8.050,6	43,1	7.208,5	41,2	-842,1	-0,1	-	-

FONTE: Núcleo de Dados e Estudos Conjunturais/FEE (FEE, 2016a).
Secex-MDIC (BRASIL, 2016).

5 Considerações finais e perspectivas para 2016

As receitas em dólar provenientes das exportações do Rio Grande do Sul em 2015 sofreram prejuízo, por conta da redução dos preços dos produtos exportados em relação a 2014. Apesar do crescimento no volume embarcado para o exterior — o qual atingiu o maior valor da série em dólares, em toneladas —, as receitas em dólar do Estado retraíram-se e só foram maiores do que as de 2010 (US\$ 15,4 bilhões), considerando o período 2010-15. Fundamentalmente, grande parte da explicação para o recuo dos preços se refere ao arrefecimento profundo e generalizado dos preços internacionais de *commodities*. A forte depreciação cambial ocorrida a partir do ano de 2015 também contribuiu para a queda dos preços em dólares, na medida em que cria uma margem de redução dos preços em moeda estrangeira, por conta do ganho em real. Adicionalmente, com os produtos gaúchos mais baratos no mercado internacional, o câmbio contribuiu, em parte, para o aumento do volume embarcado ao exterior. Outro fator que ajuda a explicar o desempenho do volume exportado repousa no quadro de recessão que se instalou na economia brasileira: com a demanda interna desaquecida e com um câmbio favorável à exportação, muitas empresas (re)começaram a vender seus produtos no exterior, sobretudo aquelas com estoques elevados e capacidade ociosa. Contudo, faz-se a ressalva de que isso aconteceu mais em alguns setores do que em outros, por causa do efeito de defasagem do câmbio sobre as exportações, a partir da negociação de novos contratos com o câmbio no patamar atual e da reativação de canais de exportação antes fechados no período de sobrevalorização do real e de quando a indústria se voltou, mais fortemente, ao mercado interno. O dinamismo exportador também foi limitado pela desaceleração do comércio e da atividade econômica global.

Algumas perspectivas para as exportações gaúchas em 2016 podem ser elencadas (Torezani, 2016). Dentre as que podem contribuir, positivamente, para as vendas externas do Estado, destacam-se: (a) a tendência à manutenção de um câmbio competitivo à atividade exportadora, após um forte período de realinhamento cambial; (b) a continuidade das compras chinesas, mesmo com o rebalanceamento de sua economia, na medida em que sua demanda por alimentos não deve ser prejudicada pela transformação em marcha (a China compra do Rio Grande do Sul, basicamente, soja em grão); (c) a recuperação de mercados importantes para os produtos manufaturados gaúchos, como a Argentina (que anunciou, no final de 2015, algumas medidas de afrouxamento nas restrições ao comércio internacional do país, tais como reduções e extinções de impostos de exportação, bem como a revogação do imposto de importação⁸) e os EUA (vislumbra-se a manutenção do satisfatório ritmo de crescimento verificado nos últimos anos, o que deve acarretar o aumento de suas importações); (d) o reposicionamento da política comercial brasileira, com o lançamento do Plano Nacional de Exportações em junho de 2015, a partir do fortalecimento de relações comerciais com parceiros já tradicionais e da abertura de novos mercados⁹; (e) a abertura,

⁸ As Declarações Juradas Antecipadas de Importação (DJAI).

⁹ De acordo com o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, 1.100 companhias brasileiras voltaram ou começaram a exportar no ano passado, com estimativa de mais de 2.000 empresas entrarem na lista de exportadores, nesse ano. Também segundo o Ministério, espera-se a ampliação da base exportadora do RS em 20%, a partir da difusão do Plano Nacional da Cultura Exportadora. Na

reabertura ou ampliação de diversos mercados relevantes para os produtos da agropecuária do Estado, sobretudo de carnes, lácteos e alimentos para animais; (f) a expectativa de crescimento, em 2016, da produção gaúcha de, principalmente, soja, carnes e celulose; e (g) a continuidade da orientação da produção à exportação, intensificada pela situação interna do País. Por outro lado, um fator que tende a afetar, negativamente, as exportações do Rio Grande do Sul consiste nas incertezas quanto ao comportamento dos preços das *commodities* agrícolas e alimentícias. Embora os preços não devam cair como em 2015, espera-se que eles ainda continuem a seguir uma tendência declinante, com uma recuperação prevista para 2017 (IMF, 2015). Apesar de o recuo dos preços das *commodities* ter sido o grande responsável pela redução em valor das exportações brasileiras e gaúchas no ano passado, o volume embarcado dessas mercadorias ao exterior cresceu, o que indica que, com preços mais estáveis, estas poderiam contribuir, de alguma forma, com as exportações em 2016.

Em suma, os fatores elencados, em maior ou menor grau, oferecem perspectivas favoráveis (pela ótica do volume embarcado) para as exportações gaúchas em 2016, mesmo em um cenário permeado de incertezas macroeconômicas e políticas no Brasil, menor crescimento do comércio mundial e acirramento da concorrência externa.

Referências

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). **Sistema gerenciador de séries temporais**. 2016. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Plano Nacional de Exportações 2015-2018**. Brasília, 2015.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Sistema de análise das informações de comércio exterior — ALICEWeb**. 2016. Disponível em: <<http://aliceweb.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

CMPC CELULOSE RIOGRANDENSE. **Projeto Guaíba 2**. 2015. Disponível em: <<http://www.celuloseriograndense.com.br/guaiba-2>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (CEPAL). **Panorama de la inserción internacional de América Latina y el Caribe: la crisis del comercio regional: diagnóstico y perspectivas**, 2015 (LC/G.2650-P). Santiago de Chile: Naciones Unidas, 2015.

CPB NETHERLANDS BUREAU FOR ECONOMIC POLICY ANALYSIS (CPB). **CPB World Trade Monitor March 2016**. 2016. Disponível em: <<http://www.cpb.nl/en/data>>. Acesso em: 25 maio 2016.

FUNDAÇÃO CENTRO DE ESTUDOS DO COMÉRCIO EXTERIOR (FUNCEX). **Índice de Rentabilidade das Exportações em 2015**. 2016. Disponível em: <<http://www.funcexdata.com.br/>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER (FEE). **Preços derrubam as exportações gaúchas em 2015**. 2016. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/exportacoes/precos-derrubam-as-exportacoes-gauchas-em-2015/>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER (FEE). **Sistema de Exportações FEE (Sisexp)**: índices de valor, volume e preço das exportações do Rio Grande do Sul. 2016a. Disponível em: <<http://exportacoes.fee.tche.br/>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Indicadores IBGE — Contas Nacionais Trimestrais**: indicadores de volume e valores correntes. 2015. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/defaultcnt.shtm>>. Acesso em: 4 mar. 2016.

esteira do Plano Nacional de Exportações, diversos acordos comerciais foram celebrados ou renegociados em 2015, bem como foram adotadas várias medidas de facilitação ao comércio, através de mecanismos e regimes tributários e de financiamento e garantia às exportações, o que tende a contribuir para as exportações em 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**: 2015. 2015a. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=1618&z=t&o=26>>. Acesso em: 4 fev. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção Agrícola Municipal**: 2014. 2014. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=1612&z=t&o=11>>. Acesso: 4 fev. 2015.

INTERNATIONAL MONETARY FUND (IMF). **IMF Primary Commodity Prices**. 2015. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/np/res/commod/index.aspx>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

INTERNATIONAL MONETARY FUND (IMF). **World economic outlook**: too slow for too long. Washington, DC: World Economic and Financial Surveys, 2016.

JORNAL DO COMÉRCIO. **Gigante de Guaíba será ligada no domingo**. 2015. Disponível em: <<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=195281>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO NAVAL E OFFSHORE (SINAVAL). **Chineses levam contrato da P-67 e P-70**. 2015. Disponível em: <<http://sinaval.org.br/2015/05/chineses-levam-contrato-da-p-67-e-p-70/>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

TOREZANI, T. A. Perspectivas para as exportações do Brasil e do RS em 2016. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1, mar. 2016.

TOREZANI, T. A.; BORGES, B. K. O efeito-preço e o papel das commodities na retração das exportações dos principais estados brasileiros em 2015. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 2, fev. 2016.

WORLD TRADE ORGANIZATION (WTO). **Statistics — merchandise trade**. 2016. Disponível em: <https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/merch_trade_stat_e.htm>. Acesso em: 25 maio 2016.